**PERFIL IDEAL E REAL DOS ALUNOS DO ÚLTIMO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL MAIOR EM LÍNGUA INGLESA**

Mauro Marinho da Silva[[1]](#footnote-1)

**RESUMO**

Este artigo busca traçar um perfil real do aluno concluinte do ensino fundamental, de uma escola em regime de convênio localizada na cidade de Itaituba-PA, contrastando com o perfil que os PCNs idealizam para esse aluno ao final dessa etapa de sua vida escolar, apontando para o que os espera no ensino médio, no que diz respeito à disciplina de língua inglesa. Inicialmente, são analisadas dezoito entrevistas de alunos de oitava série, com o objetivo de verificar se os objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais foram realmente atingidos por esses alunos. Depois, foi feito um levantamento de alguns princípios, variáveis e contextos institucionais, através dos quais o ensino de língua estrangeira aconteceria de forma diferente da mesmice improdutiva com que acontece nas escolas públicas pelo Brasil. Ao final, é feita uma reflexão sobre a diversidade de metodologias que podem e devem acontecer no ensino de língua inglesa, ao invés de privilegiar-se apenas uma.

**Palavras-chave**: Perfil. Ensino Fundamental. Princípios. Metodologias.

**IDEAL AND REAL PROFILE OF THE STUDENTS IN THE LAST YEAR OF JUNIOR HIGH SCHOOL IN ENGLISH LANGUAGE**

Mauro Marinho da Silva

**ABSTRACT**

**Key-words**: Profile. Elementary School. Principles. Methodologies.

**INTRODUÇÃO**

O presente artigo foi pensado a partir da necessidade de os professores de língua inglesa saberem quão preparados seus alunos estão no momento da transição entre o ensino fundamental e o médio, se os objetivos preconizados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais estão realmente sendo atingidos pelos alunos ou se sua base linguística lhes dará condições de compreenderem textos autênticos no ensino médio e de se saírem bem em exames de seleção.

A partir de tal necessidade, optou-se por uma análise exploratória, com abordagem qualitativa. Considerando essa opção, torna-se pertinente analisar a concepção de Pedro Demo (1987, p. 11):

A percepção da qualidade não deve ser desculpa para a falta de rigor na análise, como se nas ciências sociais valesse a reflexão solta, confusa e mesmo disparatada. Pelo contrário, será um desafio a mais para apresentarmos construções científicas ainda mais cuidadosas.

A propósito, o próprio rigor na análise decorrerá do fato do autor deste artigo ter sido professor das turmas entrevistadas durante todo o ensino fundamental. Este trabalho contém análise de entrevistas feitas com dezoito alunos da oitava série da escola pública em regime convênio de ensino fundamental A Mão Cooperadora, município de Itaituba, Pará. É feita uma confrontação dos objetivos dos PCNs para o ensino fundamental e médio e em seguida é há o questionamento de que se não seria lógico que professores de inglês ensinassem por princípios baseados em teorias, metodologias, abordagens e técnicas que “iluminassem” sua prática docente, e que tais teorias, metodologias, abordagens e técnicas serão mal sucedidas sem cuidadosamente se considerarem os critérios que servem de base para sua aplicação bem sucedida em sala de aula. Os princípios elencados são os cognitivos, afetivos e linguísticos. Os cognitivos são: o da automatização, do aprendizado significativo, da recompensa, da motivação intrínseca e do investimento estratégico. Os princípios afetivos são o do ego idiomático, o da autoconfiança, o de assumir riscos e o da conexão da língua com a cultura.

Ao final, é feita uma reflexão sobre metodologias de ensino do inglês, não entrando em detalhes nem privilegiando nenhuma delas, mas procurando apontar para o fato de que cada metodologia tem sua utilidade, desde que utilizada pelo professor no momento certo.

**EXPECTATIVAS DO ALUNO DE 8ª SÉRIE (PERFIL IDEAL)**

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental (1998) têm como objetivos a serem alcançados, ao longo dessa modalidade de ensino, os elencados abaixo:

- Identificar no universo que o cerca as línguas estrangeiras que cooperam nos sistemas de comunicação, percebendo-se como parte integrante de um mundo plurilíngue e compreendendo o papel hegemônico que algumas línguas desempenham em determinado momento histórico;

- Vivenciar uma experiência de comunicação humana, pelo uso de uma língua estrangeira, no que se refere a novas maneiras de se expressar e de ver o mundo, refletindo sobre os costumes e maneiras de agir e interagir e as visões de seu próprio mundo, possibilitando maior entendimento de um mundo plural e de seu próprio papel como cidadão de seu país e do mundo;

- Reconhecer que o aprendizado de uma ou mais línguas lhe possibilita o acesso a bens culturais da humanidade construídos em outras partes do mundo;

- Construir conhecimento sistêmico, sobre a organização textual e sobre como e quando utilizar a linguagem nas situações de comunicação, tendo como base os conhecimentos da língua materna;

- Construir consciência linguística e consciência crítica dos usos que se fazem da língua estrangeira que está aprendendo;

- Ler e valorizar a leitura como fonte de informação e prazer, utilizando-a como meio de acesso ao mundo do trabalho e dos estudos avançados;

- Utilizar outras habilidades comunicativas de modo a poder atuar em situações diversas.

Os sete objetivos acima são orientados para a sensibilização do aluno em relação à língua estrangeira, pelos seguintes focos: o mundo multilíngue e multicultural em que vive, a compreensão global (escrita e oral) e o empenho na negociação do significado e não na correção. Os PCNs ainda fazem uma reflexão sobre as condições encontradas na enorme maioria das escolas. Os parâmetros comentam também que a administração e organização do ensino da Língua Estrangeira são inadequadas em relação aos aspectos de quantidade, intensidade e exposição à língua, determinantes no nível de competência desenvolvido e na rapidez com que as metas podem ser atingidas (Brasil, 1998).

Para obtenção de dados concretos que identifiquem se os objetivos acima estão sendo atingidos, foi aplicada uma entrevista com perguntas abertas a dezoito alunos de turmas de oitava série da Escola em Regime de Convênio de Ensino Fundamental “A Mão Cooperadora”, Itaituba, Pará.

**ANÁLISE DAS ENTREVISTAS**

|  |
| --- |
| Quadro 01: Você consegue identificar no universo que o cerca como a língua inglesa coopera nos sistemas de comunicação (TV, rádio, Internet, etc.)? Explique. |
| Aluno | Resposta |
| A01 | *Com o Easy Pop, a cooperativa pode modificar as suas regras e tratar as suas exceções sem o risco de quebrar as regras impostas.* |
| A02 | *Não. Porque não sou muito boa nessas coisas.* |
| A03 | *O inglês é algo um pouco difícil de se aprender, mas como eu já venho estudando há um bom tempo, pude e posso entender melhor as comunicações.* |
| A04 | *Sim. Pois coopera para que possamos fazer amizades como na internet com várias outras pessoas. Na rádio as música, na TV as reportagens dos artistas e cantores nas revistas e etc.* |
| A05 | *Sim, porque em alguns filmes a gente pode entender um pouco do que eles tão falando em inglês.* |
| A06 | *Sim, em vários programas e TVs a cabo como Sky, é falado em inglês. Por exemplo, eu assisto séries como Big Time Rush em inglês legendadas em português no canal da Disney.* |
| A07 | *Sim, principalmente na televisão, porque eles entrevistam pessoas de outros lugares.* |
| A08 | *Coopera em muitas coisas. Ajuda pessoas de outros países saber das notícias.* |
| A09 | *A Internet: porque muita gente usa a internet para se comunicar com outras pessoas ou fazer pesquisas.* |
| A010 | *Sim, porque a TV, rádio e internet são sistemas de comunicação para todas as línguas.* |
| A11 | *O idioma está presente no nosso quotidiano, seja nas músicas, filmes, TV a cabo, publicidade e principalmente na internet, que pode conectar pessoas espalhadas em diversos lugares do planeta para uma conversa ou reunião. Por isso é cada vez mais essencial o candidato do mercado de trabalho saber falar essa língua.* |
| A12 | *Na parte da TV através de desenhos, através de novelas, programas e muito mais. Nos rádios através de várias músicas. E na internet através de sites de jogos, pesquisa e vários outros.* |
| A13 | *Não, porque eu não tenho muito conhecimento da língua inglesa e na minha opinião falta mais cooperar nos sistemas de comunicação.* |
| A14 | *Internet: porque muita gente usa a internet para se comunicar com outras pessoas ou fazer pesquisa.* |
| A15 | *Sim.* |
| A16 | *Sim. Porque o mundo evoluiu muito. Antigamente precisava mandar carta, etc. hoje aonde você está você tem notícias nacionais e internacionais.* |
| A17 | *O idioma está presente no nosso cotidiano, seja nos musicais, filmes, TV a cabo, publicidade e principalmente na internet.* |
| A18 | *O idioma está presente em nosso cotidiano, seja nos musicais, filmes, TV a cabo....* |

A primeira pergunta foi respondida pela maioria dos alunos de forma positiva, exceto pelos alunos 2 e 13, que disseram “não ter conseguido identificar no universo que os cerca como a língua inglesa coopera nos sistemas de comunicação”. Quase todos os entrevistados reconheceram a presença do inglês na Internet, TV a cabo, filmes, etc. com alguns afirmando inclusive que conseguem entender “alguma coisa” veiculada nesses sistemas de comunicação. A percepção do inglês no universo que cerca a maioria dos alunos entrevistados evidencia o avanço e estabelecimento do idioma no contexto internacional, seja ele cultural, comercial, social ou em qualquer outro contexto. O que não pode é deixarmos nossos alunos fechar os olhos para isso, nem muito menos permitir que essa presença passe despercebida ou que seja negligenciada. Ainda, se faz premente o direcionamento desse fenômeno, que se mostra escancarado e crescente em nível global, para que ele se transforme e se faça presente na prática do professor de inglês, aplicado através de metodologias que vislumbrem um aprendizado que de fato e de direito aconteça no ensino fundamental.

|  |
| --- |
| Quadro 02: Para você, qual o papel que a língua inglesa desempenha no atual momento histórico? |
| Aluno | Resposta |
| A01 | *A língua inglesa é muito importante para as pessoas que falavam português e depois aprender inglês.* |
| A02 | *O papel da língua inglesa no atual momento histórico desempenha várias qualidades de ensino da língua inglesa.* |
| A03 | *Nos meios de comunicação quando viajamos, ou até mesmo em uma copa como esta onde podemos nos comunicar com os estrangeiros.* |
| A04 | *Um importante papel, pois é com ele que você pode morar no exterior, pode ganhar mais no seu trabalho e numa copa como essa é importante a sua participação.* |
| A05 | *É de trazer benefícios pra pessoas que queiram estudar ou morar fora de um país de língua portuguesa, para ir para um país de língua inglesa que já está um pouco sabendo falar.* |
| A06 | *A língua inglesa no momento já faz parte de diversas culturas, como a brasileira, que desempenha um papel fundamental na comunicação.* |
| A07 | *Tem um desempenho muito grande, e tem até uma importância maior entre as pessoas.* |
| A08 | *Desempenha muito ajuda as pessoas se comunicarem com outras pessoas do país.* |
| A09 | *Bom, pra mim ela desempenha o papel de desenvolver a possibilidade de compreender e expressar, oralmente e por escrito opiniões, valores, sentimentos e informações.* |
| A10 | *O papel da língua inglesa serve para muitas coisas, tipo quando for a outro país que fala inglês e várias outras coisas.* |
| A11 | *Papel de ensinar, o ensino da língua nas últimas décadas vem evoluindo e essa evolução fica mais clara quando obervamos a transformação histórica dos métodos e das técnicas e abordagem que o ensino de inglês vem utilizando.* |
| A12 | *De empenhar uma maneira diferente de educação como nas escolas e em vários locais onde ensina a falar inglês.* |
| A13 | *Para mim, o papel desempenha novas oportunidades, e logo o Brasil está sempre pessoas estrangeiras e a língua inglesa está sendo muito utilizada.* |
| A14 | *Para mim, ela desempenha o papel de desenvolver a possibilidade de compreender e se expressar oralmente e por escrito, opinião, valores, sentimentos e informações.* |
| A15 | *O ensino de língua inglesa nas últimas décadas vem evoluindo, e essa evolução fica mais clara quando observamos a transformação dos métodos e das técnicas de abordagem que o ensino de inglês vem utilizando.* |
| A16 | *Pra mim, o papel da língua inglesa hoje é muito importante. Em qualquer lugar tem essas pessoas que falam idiomas diferentes e pra quem não sabe falar como elas fica boiando por isso nós temos que aprender a língua inglesa.* |
| A17 | *Papel de ensinar. O ensino de língua inglesa nas últimas décadas vem evoluindo.* |
| A18 | *Papel de ensinar o ensino de língua inglesa nas últimas décadas.* |

Já sobre o papel que a língua inglesa desempenha no atual momento histórico, objeto da segunda pergunta, a primeira observação a ser feita é que os alunos demonstraram o entendimento de que o momento histórico em questão é o momento da globalização, da revolução tecnológica e da era da informação. Algumas respostas falam do papel da língua inglesa nessa globalização. A maioria dos alunos demonstrou ter enxergado a possibilidade de poder trabalhar ou estudar no exterior, a partir do conhecimento do inglês. É notória a conscientização do alunado de que o domínio do inglês lhes possibilitará uma inserção diferenciada no mercado de trabalho no atual contexto e nomenclaturas que a sociedade atual recebe, tendo em vista que tecnologia e informação nunca estiveram tão permeados da presença do inglês.

|  |
| --- |
| Quadro 03: Se você alguma vez você já teve alguma experiência comunicativa utilizando a língua inglesa, relate-a abaixo. Por exemplo: conversas reais ou virtuais com estrangeiros. |
| Aluno | Resposta |
| A01 | *Não.* |
| A02 | *Não, mas pretendo.* |
| A03 | *Não. Ainda não tive essa experiência.* |
| A04 | *Não.* |
| A05 | *Sim, uma conversa virtual através de redes sociais, mas foi apenas pouco tempo.* |
| A06 | *Sim, através do Facebook, mas como eu ainda não tenho conhecimento para entender certas palavras, pude contar com o auxílio do tradutor.* |
| A07 | *Sim, conversa real, mas eu não entendia nada, e também perguntar o nome da pessoa eu consegui, só que outras coisas eu entendi ou não.* |
| A08 | *Não.* |
| A09 | *Não, eu nunca tive esta experiência, mas eu tenho muita vontade de ter esta oportunidade.* |
| A10 | *Sim. Pelo celular eu conversei com um jovem inglês. Precisei do dicionário inglês-português. Foi a maior luta entender ele, mas deu certo.* |
| A11 | *Não, eu nunca tive essa experiência.* |
| A12 | *Não, eu nunca tive esses tipos de conversas, nem reais nem virtuais.* |
| A13 | *Sim. Tive uma conversa com uma pessoa virtual, e era estrangeira, e fiquei sem o que dizer pra ela, fiquei constrangida.* |
| A14 | *Não, mas eu já conversei com meus amigos utilizando a linguagem inglesa mas conversamos virtual e eu e meus amigos trocamos mensagem (frases) em inglês.* |
| A15 | *Não, nunca tive mas pretendo fazer essa experiência.* |
| A16 | *Já. Foi na escola. O professor passa pra todo mundo um diálogo, era em dupla, foi eu mais o Felipe, foi o maior nervosismo mas foi bem legal.* |
| A17 | *Não, eu nunca tive experiência.* |
| A18 | *Não, eu nunca tive essa experiência.* |

A terceira pergunta, que visa saber se o aluno já teve alguma experiência comunicativa em inglês, por exemplo, conversas reais ou virtuais com estrangeiros, obteve treze alunos dizendo que nunca tiveram essa experiência, mas os alunos 5, 6, 7, 13 e 16 relataram que já tiveram essa experiência, sendo que a vivida pelo aluno 7 foi real e a dos outros foi virtual, pela internet ou celular. Todos os alunos entrevistados relatam dificuldades com a experiência e que alguns usaram o tradutor.

|  |
| --- |
| Quadro 04: Você reconhece que o aprendizado de uma ou mais línguas estrangeiras lhe possibilita o acesso a bens culturais da humanidade construídos em outras partes do mundo? Cite exemplos. |
| Aluno | Resposta |
| A01 | *Sim, cidade. Nós temos que aprender antes a falar inglês, senão a gente nunca vai ter contato com outras pessoas.* |
| A02 | *Hoje em dia a língua inglesa faz parte do nosso dia-a-dia. Essas línguas estão sendo muito útil para nós pessoas.* |
| A03 | *---* |
| A04 | *Sim.* |
| A05 | *Não.* |
| A06 | *Sim, por exemplo, como eu iria poder me comunicar com outras pessoas em outros países, como Estados Unidos, se eu não souber falar o idioma deles?* |
| A07 | *Sim, se a pessoa for passar as férias em um país estrangeiro, ela vai ter uma comunicação melhor com tudo.* |
| A08 | *Sim, ajuda muito.* |
| A09 | *Reconheço sim, porém temos muitas riquezas que exportamos para outros países, temos que saber novas línguas para podermos ser capacitados a tratar de novas riquezas. O objetivo é a inserção dos alunos no mercado de trabalho, nos cursos profissionais, etc.* |
| A10 | *Sim, porque inglês zológico espanhol, e outros tipos de coisas.* |
| A11 | *Sim, possibilita pela comunicação.* |
| A12 | *Sim, sabendo falar uma língua estrangeira, podemos ir pra outros países e saber conversar direito, nos aeroportos, em restaurantes, nos hoteis, nas lojas e supermercados.* |
| A13 | *Sim: a língua inglesa possibilita o acesso em restaurantes, em boates, hospitais, etc.* |
| A14 | *Reconheço sim, porém temos muitas riquezas que exportamos para outros países e temos que saber novas línguas para podermos ser capacitados e tratarmos de nossas riquezas. O objetivo é a inserção dos alunos no mercado...* |
| A15 | *Sim, possibilita por comunicação* |
| A16 | *Sim, estátua da liberdade, torre de Paris, ...* |
| A17 | *Sim, possibilita pela comunicação.* |
| A18 | *Sim, possibilita pela comunicação.* |

A quarta pergunta questionava os alunos se eles reconhecem que o aprendizado de uma ou mais línguas estrangeiras lhe possibilita acesso a bens mundiais da humanidade construídos em outras partes do mundo. O aluno 3 não respondeu à pergunta, o aluno 4 não reconhece e todos os outros, apesar de parecer não ter entendido o que são “bens culturais da humanidade”, afirmam que reconhecem que o inglês lhes permitiria acesso a pessoas de outros países ou visitar outros países.

|  |
| --- |
| Quadro 05: Você acha que, ao longo do ensino fundamental, conseguiu construir conhecimento sistêmico sobre a organização textual e sobre como utilizar a língua inglesa nas situações de comunicação, tendo como base os conhecimentos da língua materna, ou seja, você acha que consegue se comunicar de alguma maneira em inglês como você faz em português? Que tipo de informações você consegue transmitir ou entender, por exemplo? |
| Aluno | Resposta |
| A01 | *Não. Qual é o seu nome, por favor, bom dia, boa noite, boa tarde.* |
| A02 | *Sim, geralmente leio mais diálogo em livros ou em sites.* |
| A03 | *Eu não conheço muito o inglês e por isso não tenho essa capacidade de me comunicar muito.* |
| A04 | *Não. Um bom dia, como está você, oi, eu te amo, bem vindos, tchau, pouca coisa, só sei o básico.* |
| A05 | *Mais ou menos, quando é pra se conhecer um pouco.* |
| A06 | *Sim, em aulas que eu tive no ensino fundamental, aprendi o básico como cumprimentos, e fazer e responder perguntas mais comuns.* |
| A07 | *Acho que sim, o nome, a idade, o país onde essa pessoa mora, essas coisas consigo transmitir ou entender.* |
| A08 | *Sim.* |
| A09 | *No meu entendimento eu acho sim que consigo me comunicar, basta eu querer ... Eu consigo entender poucas palavras, as mais básicas e mais usadas no inglês, ex: good morning, my God, etc.* |
| A10 | *Não, porque eu não sei falar em inglês.* |
| A11 | *Sim, exemplo, falar oi, tudo bem, obrigado. Os mais básicos que eu consigo falar e entender.* |
| A12 | *Não, eu sei mais falar português do que inglês.* |
| A13 | *Não, eu tenho um pouco de dificuldades na língua inglesa, e acho que deveria explicar mais a organização textual e como utilizar a língua inglesa.* |
| A14 | *Com o conhecimento que construí no ensino fundamental eu conseguiria entender pouca coisa, mas também conseguiria me comunicar, não muito mas um pouco, conseguiria entender se me perguntassem como me chamo, de onde eu sou, e me apresentaria, daria bom dia, etc.* |
| A15 | *Sim, já. Por exemplo oi, obrigado, tchau, bom dia.* |
| A16 | *Eu entendo boom, start e outros.* |
| A17 | *Sim, exemplo oi, tudo bem, brigado, os mais básicos que eu consigo falar e entender.* |
| A18 | *Sim, exemplo, falar oi, tudo bem, brigado, os mais básicos que eu consigo falar e entender.* |

A quinta pergunta questiona os alunos se eles acham que, ao longo do ensino fundamental, conseguiram construir conhecimento sistêmico sobre a organização textual e sobre como utilizar a língua inglesa nas situações de comunicação, tendo como base os conhecimentos da língua materna, ou seja, se eles conseguem se comunicar de alguma maneira em inglês como fazem em português e que tipo de informações eles conseguem entender. Os alunos 1, 3, 4, 10, 12 e 13 responderam que não, os alunos 5 e 14 responderam que mais ou menos e os outros alunos responderam que sim. O tipo de informação que os alunos, em geral, conseguem entender gira em torno de expressões básicas como “qual o seu nome?”, “por favor”, “bom dia”, “boa noite”, “boa tarde”, “como você está?”, “oi”, “eu te amo”, perguntar a idade, o país onde mora, etc.

|  |
| --- |
| Quadro 06: Você é consciente linguística e criticamente dos usos que se fazem da língua inglesa no Brasil, ou seja, você entende a presença do inglês ao seu redor e concorda com o seu uso? Por quê? |
| Aluno | Resposta |
| A01 | *Não.* |
| A02 | *Sim, porque é bom o uso da língua inglesa, principalmente no Brasil.* |
| A03 | *Sim, concordo. Pois nós devemos aprender outras línguas, para assim ter um meio de comunicação.* |
| A04 | *Concordo: porque utilizam para trabalho, fazer reportagem e algumas revistas colocam coisas sobre famosos internacionais. Só seu Twitter colocam coisas em inglês fica difícil de entender.* |
| A05 | *Não muito, inglês para mim é uma língua que a gente só consegue falar se temos aula por 1 ano ou mais, e ainda fica mais difícil porque misturando com a língua portuguesa.* |
| A06 | *Sim, a língua inglesa hoje no Brasil está presente em toda parte com livros, TV, rádio, produtos alimentícios, objetos, etc.* |
| A07 | *Sim, eu acho muito importante o uso da língua inglesa, a presença é muito importante, porque você pode se comunicar com outras pessoas também.* |
| A08 | *Sim, vai ajudar muito essas pessoas se comunicar com outras pessoas, vai ajudar muito quando ela viajar pra outro país, pros país fora.* |
| A09 | *Eu concordo com o uso do inglês no Brasil, porém não entendo muito mas nos influencia a querer aprender melhor o inglês... porque assim podemos nos comunicar melhor com pessoas que não falam nossa língua e poderíamos sair para países diferentes.* |
| A10 | *Não. Porque no Brasil é pra falar em português mas pros toquesisto é necessário nessa copa.* |
| A11 | *Sim, porque ajuda numa forma, pois é sempre bom conhecer outras línguas, principalmente quando for falar com estrangeiros.* |
| A12 | *Sim, eu concordo, porque o inglês está sendo muito usado no Brasil.* |
| A13 | *Não; porque tem algumas coisas que deixam a gente em dúvidas ou dificuldades;* |
| A14 | *Eu concordo com o uso do inglês no Brasil porém não entendo muito mas nos influencia a querer aprender melhor o inglês .. Porque assim podemos nos comunicar melhor com pessoas que não falam nossa língua e poderíamos sair para países diferentes.* |
| A15 | *Sim, porque algumas palavras eu ia falar certo, eu iria entender, talvez alguma não.* |
| A16 | *Sim, porque o Brasil está evoluindo e cada vez mais vem mais estrangeiro aí os brasileiros têm que saber bem inglês.* |
| A17 | *Sim, porque ajuda numa forma, pois é sempre bom saber outra língua.* |
| A18 | *Sim, porque ajuda numa forma, pois é sempre bom saber outra língua, principalmente ...* |

A sexta pergunta quer saber se os alunos são conscientes dos usos que se fazem da língua inglesa no Brasil, ou seja, se eles entendem a presença do inglês ao seu redor e concordam com seu uso. Os alunos 1, 5, 10 e 13 responderam que “não” ou “não muito”, mas não forneceram argumentos plausíveis para sustentar suas respostas. O restante dos alunos entrevistados respondeu que “sim”, fornecendo argumentos dos mais variados, tais como o argumento do aluno 3, que relatou que “devemos aprender outras línguas, para assim ter um meio de comunicação”, o aluno 4 afirmou que “porque utilizam para trabalho, fazer reportagem e algumas revistas colocam coisas sobre famosos internacionais”. O aluno 6 percebe a presença do inglês “em toda parte, como livros, TV, rádio, produtos alimentícios, etc.” O aluno 12, apesar de não falar de que maneira, respondeu que concorda porque o “inglês está sendo muito usado no Brasil”. O aluno 16 relata que “o Brasil está evoluindo e cada vez mais vem estrangeiros, aí os brasileiros têm que saber bem o inglês”.

|  |
| --- |
| Quadro 07: Você lê em inglês e reconhece a leitura como fonte de informação e prazer, utilizando-a como meio de acesso ao meio do trabalho e dos estudos avançados? Dê exemplos do que você faz ou poderia fazer a esse respeito. |
| Aluno | Resposta |
| A01 | *Não, nada.* |
| A02 | *Às vezes faço leitura, pesquiso em site e vejo alguns filmes. É muito bom a língua inglesa.* |
| A03 | *Sim, nos comunicar com os professores ou até no trabalho com os colegas de trabalho.* |
| A04 | *---* |
| A05 | *Algumas vezes, quando é pra escrever mensagens, fazer algum cabeçalho do trabalho de inglês, etc.* |
| A06 | *Sim, por exemplo no ENEM, as provas são feitas em dois idiomas, um sendo o inglês, e para uma pessoa que fala inglês tem mais chances no mercado de trabalho.* |
| A07 | *Nem sempre quando leio eu consigo entender, mas algumas palavrinhas eu consigo desenrolar, eu amo inglês, acho muito legal e muito divertido interagir com meus amigos.* |
| A08 | *Não leio em inglês.* |
| A09 | *Não leio muito em inglês, mas vale a pena o esforço para compreender, pois aprendendo uma nova língua aumentará nossa capacidade de acesso a informações e de se comunicar com outras pessoas.* |
| A10 | *Sim.* |
| A11 | *Nem sempre quando leio eu consigo entender, mas algumas palavras eu consigo desenrolar. Eu gosto de inglês.* |
| A12 | *Não.* |
| A13 | *Não; em restaurantes, sorveterias, etc.* |
| A14 | *Não leio em inglês, mas vale a pena o esforço para compreender, pois aprendendo uma nova língua aumentará muito nossa capacidade de acesso a informações e de se comunicar com outras pessoas.* |
| A15 | *Sim, como você que dá aula de inglês você é um deles.* |
| A16 | *Eu não leio muito em inglês mas eu pratico de vez em quando sim.* |
| A17 | *---* |
| A18 | *---* |

Na sétima pergunta, se quer saber se o aluno lê em inglês e reconhece a leitura como fonte de informação e prazer, utilizando-a como meio de acesso ao mundo do trabalho e dos estudos avançados e ainda solicita exemplos do que os alunos fazem ou poderiam fazer a esse respeito. O aluno 2 diz que às vezes faz leituras, pesquisas em sites e até vê filmes”. O aluno 3 afirma que poderíamos “nos comunicar com os professores ou até no trabalho, com os colegas de trabalho”. O aluno 7 respondeu que “nem sempre quando lê consegue entender, mas algumas palavras consegue desenrolar”, afirma também que “ama inglês e acha muito legal e divertido interagir com os amigos”. O aluno 9, apesar de dizer que não lê muito em inglês, reconhece a importância da leitura quando afirma que “vale a pena o esforço para compreender, pois aprendendo uma nova língua aumentará muito nossa capacidade de acesso a informações e de se comunicar com outras pessoas”.

|  |
| --- |
| Quadro 08: Que outras habilidades comunicativas em inglês você utiliza para poder atuar em situações diversas? Você ouve, fala, ou escreve? Cite exemplos. |
| Aluno | Resposta |
| A01 | *Sim, nas aulas de inglês.* |
| A02 | *Ler diálogos em livros, apostilas e ver vídeos em inglês.* |
| A03 | *Eu gosto muito de traduzir palavras que eu ainda não conhecia. Adoro ouvir músicas em inglês, pois é um meio de pronunciar palavras.* |
| A04 | *Sim, utilizo. Ouço várias músicas em inglês, tem no nosso livro diálogos em inglês, tem cd em inglês, etc.* |
| A05 | *Músicas, filmes, etc. às vezes eu ouço, falo e até escrevo. Músicas, filmes, trechos de músicas, título de algum texto, etc. e escrevo no final da mensagem “by”!* |
| A06 | *Sim, mas somente o básico, como qual o seu nome, saudações como bom dia, boa tarde, boa noite, dentre outras.* |
| A07 | *Eu ouço e falo e também escrevo. Tipo às vezes eu uso o Google tradutor para se comunicar com amigos de outro país no facebook.* |
| A08 | *Ouve.* |
| A09 | *Eu ouço, falo e escrevo em meu dia-a-dia. Ex: good morning, good night, I love, sorry, etc.* |
| A10 | *Eu não sei falar em inglês. Falar e escrever já.* |
| A11 | *Eu ouço e falo.* |
| A12 | *Sim, eu escuto várias músicas em rádios, muitas músicas internacionais.* |
| A13 | *Quando começa a aula de inglês.* |
| A14 | *Não tenho habilidades mas quando não sei o que falar, uso algumas palavras que sei falar sobre animais, amigos e escolas para não ficar calada. Por exemplo: you study, master dogs, master my friends, etc.* |
| A15 | *Bom dia, oi, obrigado, sala, casa, cão, gato... esses eu falo e ouço outros falarem como na TV, rádio.* |
| A16 | *Eu escuto ou escrevo. Quando o meu professor sai da aula eu ouço na TV, quando posso, no jornal.* |
| A17 | *Eu ouço e falo.* |
| A18 | *Eu ouço e falo.* |

A oitava pergunta investiga que outras habilidades comunicativas em inglês que o aluno utiliza para poder atuar em situações diversas, se ele ouve, fala ou escreve. Muitas respostas são dignas de registro como, por exemplo, a do aluno 3 que afirma que “gosta de traduzir palavras que ainda não conhecia, adora ouvir músicas em inglês, pois é um meio de pronunciar palavras”. O aluno 4 relata que “ouve várias músicas em inglês que têm no livro didático em inglês, que tem CD”. O livro didático a que o aluno faz referência é a coleção *Alive*, escolhida para o ano letivo de 2014. O aluno 5 menciona “músicas, filmes, etc.”, relata que “ouve, fala e até escreve músicas, filmes, trechos de músicas, títulos de algum texto, etc., e escreve no final da mensagem a palavra ‘by’.” O aluno 7 relata que “ouve, fala e também escreve em inglês e às vezes usa o *Google* tradutor para se comunicar com amigos de outro país no *Facebook*”. O aluno 12 também afirma que “escuta várias músicas de rádio, muitas internacionais”.

|  |
| --- |
| Quadro 09: Escreva de maneira resumida de que maneira você “está por dentro” da língua inglesa. Você consegue perguntar e fornecer informações pessoais? Conhece muitas letras de músicas em inglês? Gosta de praticar o que você sabe (conversando, cantando, falando sozinho, etc.)? Sabe falar de seu passado e de seu futuro? O que o motiva ou desmotiva sobre a língua inglesa? Etc. Não tenha medo de “falar mal” de seu professor. |
| Aluno | Resposta |
| A01 | *Não.* |
| A02 | *Sim, músicas são as que eu mais me identifico. Às vezes é bom ler um texto com diálogo e às vezes canto. A língua inglesa está sendo muito usada o que está tendo em cursos são mais aulas de inglês, só acho inglês é uma ótima matéria, a língua inglesa é ensinada com bastante atenção e clareza. O professor Mauro Marinho, falar um pouco dele, um ótimo professor, gosto do seu jeito de nos ensinar a língua inglesa com bastante dedicação suas aulas são muito boas cada aula uma coisa nova pra se aprender na língua inglesa.* |
| A03 | *Gosto muito do inglês, ainda mais por músicas e etc. algumas vezes consigo me comunicar. Sim, conheço muitas músicas em inglês. Sim, eu acho que isso me ajuda a lembrar de algumas coisas que aprendi. Não muito. A questão de verbos e outras coisas, que eu não consigo entender.* |
| A04 | *Com as músicas da atualidade, livros, filmes na língua inglesa. Não. Sim, muitas bandas de rock, Bruno Mars, Demi Lovato, Kate Perry e etc. não. Desmotiva: o professor chega na sala falando muito rápido que não dá pra entender nada, ou manda fazermos a tradução de uma página que não temos dicionário, ou passa trabalhos chatos, e etc. motiva: eu saber que se eu me interessar para aprender eu posso ter uma carreira excelente mais na frente, posso chegar a morar no exterior, trabalhar numa rede de TV no México, Estados Unidos, Canadá e etc.* |
| A05 | *Só consigo perguntar um pouco, é difícil de eu ouvir músicas internacionais; eu gostaria de praticar conversando, que pra mim fica um pouco mais fácil. Não, mas se eu aprender a falar em inglês acho que consigo sim; tem algumas que enrolam a língua e fica difícil de expressar ou falar, às vezes deve ser porque não estamos acostumados; não gosto quando o professor pergunta alguma coisa em inglês que a gente não entende, ou fala em português, pedindo pra gente responder em inglês!* |
| A06 | *Sim, meu professor costuma passar algumas músicas em inglês e treinar nossa pronúncia na língua. Além de muitas vezes passar conversações e pedir que os alunos fiquem treinando entre si e tentando estabelecer o diálogo em inglês. O que me motiva a continuar a aprender sobre a língua inglesa é que sei que o conhecimento dessa língua vai me possibilitar a comunicação com estrangeiros, além de muitas outras coisas.* |
| A07 | *Bem, ainda não sei falar muito bem inglês, mas pretendo aprender, fazer um curso pra ficar mais prática, mas com meus colegas de classe consigo falar algumas coisinhas, cantar também eu consigo, quer dizer, não muito mas consigo, hoje em dia é muito importante saber mais que uma língua, mais que o português, o que me motiva a isso é ver meu professor falar e sentir vontade de um dia ser igual a ele.* |
| A08 | *Motiva muito. Eu gosto de músicas em inglês, conversando e sozinho, meu motivo sobre a língua inglesa que vai me ajudar muito a me comunicar com outras pessoas. Pessoas de outros países. E vai me ajudar muito quando eu trabalhar fora, etc.* |
| A09 | *A língua inglesa é pra mim completamente importante, pois podemos utilizarmos muito aqui no Brasil, mas a usaremos nos países afora. Se eu por exemplo chegasse a outro país com o pouco que sei conseguiria trocar informações. Também conheço várias letras de músicas em inglês, pratico o inglês cantando e falando sozinha, só assim estou me esforçando para aprender cada vez mais, não sei falar muito do meu passado e falo pouco.* |
| A10 | *Eu não tenho nada de mal pra falar do meu professor, ele é bacana; 1. Não; 2. Não; 3. Não; 4. Sim; 5. É muito difícil e divertido com esse professor.* |
| A11 | *Eu uso a língua inglesa muitas vezes cantando e aprendendo a praticar a letra das músicas e falo sozinha para aprender pesquiso no tradutor. Eu conheço muitas letras de músicas em inglês, na língua inglesa me motiva, na forma de querer aprender outra língua e me desmotiva por ser muito complicada.* |
| A12 | *Por conhecer várias letras e músicas em inglês em comerciais que passam na televisão que são em inglês.* |
| A13 | *Eu gosto das aulas de inglês mas eu tenho muitas dúvidas nas aulas de inglês. Eu acho que falta mais explicações da língua inglesa e tal... mas eu gosto de praticar o inglês.* |
| A14 | *A língua inglesa pra mim é uma língua completamente importante pois podemos não a utilizarmos muito aqui no Brasil, mas a usaremos nos países afora. Se eu por exemplo chegasse em outro país com o pouco que sei conseguiria trocar informações. Também conheço várias letras de música em inglês, pratico o inglês cantando e falando sozinha, só assim estou me esforçando para aprender cada vez mais.*  |
| A15 | *---* |
| A16 | *Ah, eu já não fui muito fã de inglês pra mim eu penso tá chingando quando tão falando em inglês mas eu sei que é muito importante pra mim, mesmo que o professor brige, pede pra prestar atenção, eu acho rui mas é o jeito.* |
| A17 | *Eu acho meu professor legal, esforçado para ensinar os alunos, ele é um professor exemplar.* |
| A18 | *Ele é gostoso, lindo e charmoso, ele é um cara legal, rochedo, etc...* |

Na nona e última pergunta, os alunos são solicitados e escrever, de maneira resumida de que maneira “estão por dentro” da língua inglesa, se eles conseguem perguntar e responder informações pessoais, se conhecem letras de músicas em inglês, se gostam de praticar o que sabem (conversando, cantando, falando sozinhos, etc.), se sabem falar de seu passado ou de seu futuro e o que os motiva ou desmotiva sobre a língua inglesa. Os relatos da última pergunta seguiram o mesmo padrão das oito perguntas anteriores, ou seja, com o mínimo de alunos respondendo “não” e a maioria demonstrando que de uma ou outra maneira estão por dentro da língua inglesa. Alguns relatam que gostam das aulas de inglês, outros relatam que não gostam, mas percebem a importância do idioma.

**EXPECTATIVAS DOS PCNs PARA O ENSINO FUNDAMENTAL MAIOR**

De acordo com os PCNs, as habilidades de compreensão e de produção escrita e oral devem ser desenvolvidas ao longo do ensino fundamental. Quanto à habilidade de compreensão, o documento do Ministério da Educação afirma que ela “envolve os fatores relativos ao processamento da informação, cognitivos e sociais” e em seguida fornece detalhes de cada um desses fatores.

 Os fatores relativos ao processamento da informação têm a ver com a atenção, a percepção e decodificação dos sons e letras, a segmentação morfológica e sintática, a atribuição do significado ao nível léxico-semântico e a integração de uma forma a outra. Os fatores cognitivos envolvem a contribuição do leitor/ouvinte, a construção do significado (a formulação de hipóteses sobre os significados possíveis com base no seu pré-conhecimento de mundo) e de organização textual e os fatores sociais, que englobam a interação/falante e escritor/ouvinte localizada na história, na instituição e na cultura. Isso significa dizer que compreender envolve crucialmente a percepção da relação interacional entre quem fala, o que, para quem, por que, quando e onde.

Analisando-se as entrevistas, observa-se que os alunos, em quase sua totalidade, reconhecem a importância da língua inglesa, gostam, e alguns até já tiveram contato real ou virtual com nativos dessa língua. No entanto, quando o assunto é leitura, conhecimento sistêmico e outras habilidades, as respostas são vagas e limitadas a “sei dizer bom dia”, etc. Essa limitação deve levar todos os professores de inglês no ensino fundamental a uma reflexão sobre sua prática, devido à aparente lacuna existente entre o que é idealizado pelos PCNs e o que na realidade se transforma em ao final do ensino fundamental.

**O QUE ESPERA O ALUNO NAS AULAS DE INGLÊS DO ENSINO MÉDIO**

As competências e habilidades a serem desenvolvidas em Língua Estrangeira Moderna são:

**Representação e comunicação:**

- Escolher o registro adequado à situação na qual se processa a comunicação e o vocábulo que melhor reflita a ideia que se pretende comunicar.

- Utilizar os mecanismos de coerência e coesão na produção oral e/ou escrita.

- Utilizar as estratégias verbais e não verbais para compensar as falhas, favorecer a efetiva comunicação e alcançar o efeito pretendido em situações de produção e leitura.

- Conhecer e usar as línguas estrangeiras modernas como instrumento de acesso a informações de outras culturas ou grupos sociais.

**Investigação e compreensão**

- Compreender de que forma determinada expressão pode ser interpretada em razões de aspectos sociais e/ou culturais.

- Analisar os recursos expressivos da linguagem verbal relacionando textos/contextos mediante a natureza, função, organização, estrutura, de acordo com as condições de produção/recepção (intenção, época, local, interlocutores participantes da criação e propagação de ideias e escolhas, tecnologias disponíveis).

**Contextualização sociocultural**

- Saber distinguir as variantes linguísticas;

- Compreender em que medida os enunciados refletem a forma de ser, pensar, agir e sentir de quem os produz.

Há que se pensar que, para se escolher um registro ou vocábulo, tem que haver uma “quantidade disponível”. Torna-se preciso criar uma “bagagem léxico-estrutural” durante o ensino fundamental para que, já mais “amadurecido” no ensino médio, consiga utilizar o que mais convir à situação comunicacional.

Os mecanismos de coerência e coesão, bem como as estratégias verbais e não verbais (como dar uma desculpa, mesmo que “esfarrapada”, fazer um *nod*, que é concordar com movimento de cabeça ou um *frown*, que é franzir a testa em uma expressão fechada) também só se consolidarão no ensino médio se os alunos já houverem se familiarizado com eles, seja através exercícios de dramatização, diálogos diversos ou de qualquer outra maneira de abordagem, trabalhados desde o primeiro contato do aluno com o inglês no ensino fundamental.

Finalmente, o conhecimento e uso das línguas estrangeiras modernas como acesso a informações a outras culturas irá demandar conhecimentos culturais básicos, como o simples conhecimento do clima típico de países que têm o inglês como primeira língua, ou que esporte é o favorito nesses países, por exemplo, ou ainda curiosidades de festas tradicionais como o Haloween, como o uso da expressão “*treat or trick?”*.

**ENSINANDO POR PRINCÍPIOS**

Brown (1994)[[2]](#footnote-2) serviu de base bibliográfica principal para os Princípios, Variáveis e Contextos elencados neste capítulo. Ele comenta que “estes são os melhores e os piores dias” na profissão de professor de idiomas. Os melhores, porque se aprendeu muito sobre aquisição de língua nas últimas três ou quatro décadas. Mas os piores, porque as informações são tão escorregadias, que inclusive, quando nós estamos perto de caracterizar uma generalização sobre aquisição da segunda língua, o fenômeno frequentemente foge ao nosso alcance. Ele afirma ainda o seguinte:

[...] agora, quando você começa sua jornada ao treinamento para professor,é apropriado que você se concentre no que nós realmente sabemos, no que nós aprendemos, no que nós podemos dizer com alguma certeza, sobre aquisição de segunda língua. Nós podemos chegar a um consenso no que se refere à noção de que uma grande quantidade de escolhas dos professores nasce de **princípios** estabelecidos de aprendizado e ensino de idiomas. Ao perceber e internalizar conexões entre prática (escolhas que você faz em sala de aula) e teoria (princípios derivados de pesquisa), é provável que sua prática docente seja “iluminada”. Você será melhor capaz de entender porque você escolheu uma técnica particular em sala de aula (ou um conjunto de técnicas), para conduzir com confiança e para avaliar sua utilidade após o fato consumado.

Esse autor explica ainda que o professor pode estar pensando que uma abordagem baseada em princípios para o ensino de línguas não pareceria mais que lógico: Como alguém procederia de maneira diferente? Mas ele também afirma que viu muitos professores novatos empurrarem técnicas “goela abaixo” sem cuidadosamente considerarem os critérios que servem de base para sua aplicação bem-sucedida em sala de aula.

“Apenas me dê 101 receitas para a aula de segunda-feira de manhã”, dizem alguns. “Eu só quero saber o que **fazer** quando eu entrar na sala de aula”. Infelizmente, este tipo de abordagem precipitada para o treinamento de professores não lhe dará aquela habilidade importante para compreender quando usar uma técnica ou com quem ela funcionará, como adaptá-la para seu público, ou como julgar sua efetividade”.

Isso pode levar à conclusão de que a eficácia no ensino de idiomas demandará uma constante formação, observação e flexibilização por parte do professor de inglês e que é preciso sua aproximação com o grupo, conhecendo de perto cada um dos seus componentes, seus anseios, bloqueios e outras particularidades, visando à aplicação de metodologias e estratégias que contemplem o máximo possível o universo individual de cada membro desses grupos.

**PRINCÍPIOS COGNITIVOS**

O primeiro dos princípios é o da ***automatização***, que Barry McLaughlin (1990) chamou de processamento automático com atenção periférica às formas da língua, isto é, tendo como objetivo o simples gerenciamento da incrível complexidade da língua – o enorme número de “pedacinhos” de informação – tanto adultos quanto crianças devem mais cedo ou mais tarde se distanciar de processar a língua unidade por unidade, pedaço por pedaço, focando bem de perto em cada, e “gradualmente” para formar um processamento automático de alta-velocidade no qual as formas do idioma (palavras, afixos, ordem das palavras, regras, etc.) estão apenas na periferia da atenção. As crianças geralmente fazem esta transição mais rápido que os adultos que tendem a se demorar nos modos analítico e controlado, focando nos fragmentos e pedaços da língua, resistindo em colocar esses fragmentos e pedaços no “disco rígido” de nossas mentes.

O segundo princípio cognitivo é o ***aprendizado significativo***, que “guiará o aprendizado rumo a uma melhor retenção em longo prazo do que ao aprendizado maquinal”. Brown fala ainda de algumas implicações para a sala, pela utilização do aprendizado significativo:

1. Capitalize na força do aprendizado significativo sendo atrativo aos interesses dos alunos, objetivos acadêmicos ou profissionais;

2. Sempre que um novo tópico ou conceito for introduzido, tente ancorá-lo ao conhecimento já existente do aluno e sua experiência de mundo para que isso se associe com algo que ele já sabe;

3. Evite as armadilhas do aprendizado maquinal:

a) Explicação gramatical em excesso;

b) Princípios e teorias abstratas em excesso;

c) Exercício de repetição e memorização em excesso;

d) Atividades cuja proposta não está clara;

e) Atividades que não contribuem para o alcance de objetivos da lição, unidade ou curso;

f) Técnicas que são tão mecânicas ou complicadas que os alunos centram-se na mecanicidade ao invés do idioma ou significados.

A ***antecipação da recompensa*** é o terceiro princípio cognitivo, que B.F. Skinner (1957) definiu como “o mais poderoso fator no direcionamento do comportamento de alguém”. O princípio por trás do paradigma condicionante operante de Skinner pode ser brevemente estabelecido como segue:

Os seres humanos são universalmente levados a agir, ou “comportar-se” pela antecipação de algum tipo de recompensa – tangível ou intangível, de curto ou longo prazo, que advirão como resultado do comportamento.

 O quarto princípio cognitivo é o princípio da ***motivação intrínseca***:

As recompensas mais poderosas são aquelas que são intrinsecamente motivadas dentro do aprendiz. Porque o desejo nasce de necessidades e quereres dentro de um indivíduo, o comportamento propriamente dito é autorrecompensador; assim nenhuma recompensa administrada externamente é absolutamente necessária.

Já com relação ao quinto princípio cognitivo, o ***investimento estratégico***, o domínio bem-sucedido da segunda língua será devido em grande proporção a um investimento pessoal de tempo, esforço e atenção do aprendiz à segunda língua, na forma de uma bateria individualizada de estratégias para compreender e produzir o idioma.

Essa recompensa pode impulsionar sobremaneira o aprendizado de inglês, e o professor pode se converter em fator de “plantador” e “cultivador” dessa motivação, lembrando seus alunos dos benefícios que os conhecimentos em inglês irão lhes proporcionar, além de guiá-los até os mecanismos que irão facilitar seu aprendizado.

**PRINCÍPIOS AFETIVOS**

O primeiro princípio afetivo é o ***ego idiomático***:

Quando todos os seres humanos aprendem a usar uma segunda língua, eles também desenvolvem uma nova maneira de pensar, sentir, e agir – uma segunda identidade. O novo “ego idiomático”, em conexão com a segunda língua, pode facilmente criar dentro do aprendiz um senso de fragilidade, defensiva e um aumento de inibições.

O segundo princípio afetivo é o da ***autoconfiança***, sintetizado dessa forma:

O eventual sucesso que os aprendizes conseguirão em uma tarefa é pelo menos parcialmente um fator de sua crença de que eles realmente são completamente capazes de cumprir a tarefa.

O terceiro princípio afetivo é o de ***assumir riscos***:

Aprendizes de língua bem sucedidos, na sua avaliação realista de si próprios como seres vulneráreis, ainda sim capazes de cumprir tarefas, devem estar dispostos a tornarem-se “apostadores” no jogo do idioma, para tentar produzir e interpretar a linguagem que está um pouco além de sua absoluta certeza.

O quarto princípio afetivo é a ***conexão da língua com a cultura***:

Sempre que você ensina uma língua, você também ensina um complexo sistema de costumes culturais, valores e formas de pensar, sentir e agir. Especialmente em contextos de aquisição de segunda língua, o sucesso pelo qual os aprendizes se adaptam a um novo meio cultural afetará seu sucesso de aquisição da segunda língua e vice-versa, em algumas maneiras possivelmente significativas.

Não é possível afirmar se os quatro princípios acima fazem parte da prática pedagógica dos professores de inglês na atualidade, mas é possível vislumbrar os benefícios que eles fariam aos aprendizes, se o fossem, defendendo que todos eles subsidiariam, motivariam e explicariam melhor o aprendizado aqui tratado.

**PRINCÍPIOS LINGUÍSTICOS**

Quanto aos princípios linguísticos, são elencadas três categorias: o efeito da língua nativa, a interlíngua e a competência comunicativa.

Quanto à ***língua nativa***, Brown (1994) afirma que:

A língua nativa dos aprendizes será um sistema altamente significante no qual os aprendizes terão confiança em prever o sistema da língua alvo. Enquanto esse sistema nativo exercer tanto efeitos facilitadores quanto interferentes na produção e na compreensão do novo idioma, os efeitos interferentes são prováveis de serem os mais contundentes.

Quanto à ***interlíngua***:

Os aprendizes de segunda língua tendem a seguir por um processo de desenvolvimento sistemático ou parassistemático enquanto eles progridem para a competência completa na língua alvo. O desenvolvimento de uma interlíngua de sucesso no idioma é parcialmente um fator de utilização do *feedback* dos outros.

 Quanto à ***competência comunicativa***, Brown (1994) se posiciona dessa forma:

Dado que a competência comunicativa é o objetivo de uma sala de línguas, então instrução precisa ser colocada em relação a todos os seus componentes: organizacional, pragmático, estratégico e psicomotor. Objetivos comunicativos são melhor atingidos dando-se a devida atenção ao uso do idioma e não somente à sua utilização, à fluência e não apenas à exatidão, à autenticidade da língua e a contextos, e à eventual necessidade dos alunos em aplicar o conhecimento de sala de aula daqui por diante em contextos não ensaiados do mundo real.

Acredita-se que esses princípios, se observados, forneceriam ao professor muitos dos motivos pelos quais os alunos têm dificuldade de aprendizado, já que são princípios diretamente relacionados com aquisição de segunda língua, muito explorados por cursos livres, que adotam o ensino de inglês conhecido como *ESL (English as a Second Language[[3]](#footnote-3))*.

**VARIÁVEIS DE APRENDIZADO**

Brown (1994) discorre sobre a complexidade que não pode ser efetivamente coberta em uma oficina de fim de semana. Parte desta complexidade é trazida à tona pela multiplicidade de contextos no qual as línguas, e o inglês muito mais que qualquer outra língua, são aprendidas e ensinadas. Mesmo se você pudesse de alguma forma empacotar uma mala cheia de recursos atuais de ensino, você ainda teria que enfrentar a pergunta de **quem** seus aprendizes são, **onde** eles estão aprendendo, e **porque** eles estão aprendendo.

**ENSINANDO ADOLESCENTES**

A faixa etária que se encontra entre a infância e a fase adulta é descrita por Brown (1994) como “os terríveis adolescentes”, que vivem uma era de transição, confusão, crescimento, autoconsciência e corpos e mentes em mutação. Dessa forma, um conjunto muito especial de considerações aplica-se ao ensiná-los:

1. A capacidade intelectual adiciona pensamento operacional abstrato por volta dos 12 anos. Assim, algum processamento intelectual sofisticado é crescentemente possível. Problemas complexos podem ser resolvidos com pensamento lógico. Isto significa que a metalinguagem pode agora, teoricamente, ter algum impacto. Mas o sucesso de qualquer empreitada intelectual será um fator da atenção que o aprendiz dispensa à tarefa; dessa forma, se um aprendiz está se dedicando a si mesmo, à aparência, a ser aceito, a pensamentos sexuais, a uma festa de fim de semana, ou ao que quer que seja a tarefa intelectual em mãos pode sofrer;

2. Os prazos de atenção estão alongando-se como resultado da maturidade intelectual, mas, uma vez mais, com muitos desvios presentes na vida de um adolescente, esses prazos de atenção potencial podem facilmente ser diminuídos;

3. Variedades de entrada sensorial ainda são importantes, mas novamente crescentes capacidades pela abstração diminuem a natureza essencial do desejo a todos os cinco sentidos;

4. Fatores que dizem respeito a ego, autoimagem e autoestima estão em suas prioridades. Os adolescentes são ultrassensíveis a como os outros percebem suas mudanças físicas e emocionais bem como suas capacidades mentais. Uma das maiores preocupações do professor de escola secundária é manter a autoestima alta:

- evitando o constrangimento dos alunos a todo custo;

- afirmando os talentos e pontos fortes de cada pessoa;

- fazendo com que enganos e outros erros sejam aceitos;

- desenfatizando a competição entre os colegas;

- encorajando pequenos trabalhos de grupo onde riscos acontecem mais facilmente.

5. É claro que alunos de escola secundária estão tornando-se crescentemente como adultos em sua habilidade de fazer aqueles desvios ocasionais da natureza de contexto imediato de comunicação do “aqui e agora” para ficarem presos a um assunto gramatical ou item lexical. Mas mesmo no ensino com adultos, é preciso ter cuidado em não insultá-los com linguagem pedante ou chateá-los com excesso de análise.

É de domínio público a certeza de que o tratamento com adolescentes requer certos cuidados e muitas estratégias. Sugere-se aqui que o professor de línguas de despoje de certos moralismos e preconceitos, e adentre o mundo de seu aluno adolescente, compartilhando de certa forma seus problemas, guiando-os e ajudando-os sempre que possível.

**INGLÊS COMO LÍNGUA INTERNACIONAL**

 De acordo com Smith (1976), a concepção de língua inglesa como língua internacional se dá pela vasta utilização desse idioma que o torna assim concebido internacionalmente, ou seja, para além das fronteiras:

Isto não significa, no entanto, que logo todo mundo em todos os lugares estará falando inglês, vestindo *jeans* e dançando uma batida de discoteca. A disseminação do inglês não é um fator homogêneo que faz com que diferenças culturais desapareçam, mas o uso do inglês oferece um meio de expressar e explicar essas diferenças. Não há desejo algum entre os membros da comunidade mundial quando usam o inglês para se tornarem mais iguais aos falantes nativos em seu estilo de vida. O inglês está sendo usado como língua internacional na diplomacia, comércio internacional e turismo. Os falantes nativos precisam tanto de ajuda quanto os não nativos quando usam o inglês para interagir internacionalmente. Não existe lugar para chauvinismo linguístico.

Em face da inevitável pluralidade cultural os falantes não nativos devem perceber as variedades linguísticas da língua assim como em qualquer outra língua e não tentar agir como os americanos, os britânicos ou qualquer outro falante nativo para que assim seja considerado um falante ideal da língua inglesa.

Por isso considera-se, além das questões linguísticas, as culturais, as sociais, econômicas e políticas que influenciam diretamente no uso do inglês como língua de maior força em todos esses aspectos. De acordo com Brown (1994), as seguintes perguntas são considerações “em jogo” a serem feitas dentro do sistema de ensino de inglês: Que posição seu país tem em relação ao inglês? Seu país tem uma política oficial com relação à língua inglesa? Como esta política ou posição afeta a motivação e objetivo de seus alunos?

**CONTEXTOS INSTITUCIONAIS**

Brown (1994) faz algumas colocações no que concerne à institucionalização e legalidade do ensino de inglês:

Um dos contextos mais contundentes, se não relevantes no ensino de línguas, é a instituição na qual você está ensinando. Aulas de inglês como língua estrangeira ou inglês como segunda língua, são encontradas em uma ampla variedade de estabelecimentos educacionais, tal é ampla a variedade, de fato, que publicadores de livro didáticos possuem certa dificuldade em adaptar material para os muitos contextos. Mesmo dentro de um “tipo” de instituição, múltiplos objetivos são perseguidos. Por exemplo, escolas de idiomas em muitos países estão agora bem afinadas para oferecer cursos de conversação, habilidades acadêmicas, Inglês instrumental, inglês no local de trabalho, inglês técnico e vocacional, estratégias para provas, e outras especializações.

No entanto, o que se observa nas escolas públicas é um ensino tradicional, professores não proficientes na língua alvo, e ainda por cima desmotivados, falta de material e recursos didáticos, enfim, vários motivos para o descrédito do ensino de inglês na educação básica.

**MÉTODO DE ENSINO “APROPRIADO”**

Não se faz objetivo, aqui, entrar em detalhes sobre os diversos métodos de ensino de inglês utilizados ao longo da história e elencar o “melhor”, o “mais apropriado”, o “ideal”.

Para Larsen-Freeman (2004), o que faz um professor escolher o melhor método é “ele o conhecer, ter recebido treinamento nele ou porque esse método está de acordo com seu pensamento docente (valores, crenças, suposições) e/ou porque existem provas de pesquisas supondo isso”. Freeman afirma ainda que “tais professores podem escolher se tornar especialistas em um método em particular; eles podem ainda procurar alcançar treinamento avançado nele”.

Ainda, essa mesma autora expõe que

Cada método colocado em prática será moldado não só pelo professor, mas pelos alunos, as condições de instrução e o contexto sociocultural mais amplo. Assim, um método em particular não pode ser uma receita para o sucesso de todos.

Segundo Prabu (1990):

Existe uma posição que podemos chamar de *pluralismo*, que muitos professores acham razoável. Ao invés de aceitar ou rejeitar métodos por completo, como sendo apropriados ou inapropriados para um contexto particular, eles acreditam que haja algum valor para cada método. Ao invés de acreditar que diferentes métodos possam ser praticados em diferentes contextos, eles acreditam que diferentes métodos, ou partes de métodos, possam ser praticados no mesmo contexto.

Bolster (1983) faz as seguintes considerações:

(...) se a língua é complexa então faz sentido que o aprendizado também seja complexo e, dessa forma, associacionismo, formação de hábito, interacionismo, etc., pode ser totalmente ou ao menos parcialmente verdade, apesar de nenhuma verdade em particular necessariamente contar para o papel integral da aquisição de línguas. Então, também, apesar dos professores saberem que existem muitas semelhanças entre as aulas, eles também sabem que cada turma tem suas características especiais, e que ensino bem sucedido requer o reconhecimento e a admissão de sua singularidade.

As considerações de todos os autores acima convergem no que diz respeito à flexibilização da metodologia utilizada, demandando enorme habilidade por parte do professor, que deve estar sempre atento e preparar suas aulas de variadas formas, aplicando as mais variadas metodologias, percebendo qual delas surtirá o efeito pretendido pelo docente, particularmente aqui o de inglês, que é o aprendizado de seu aluno, de vê-lo cantando, recitando, falando, ou até reclamando, em inglês. Enfim, um “cardápio” diversificado de metodologias utilizadas pode orientar e motivar tanto alunos quanto professores no processo de aquisição da língua inglesa.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Segundo Souza (2010), “seria impossível pensar que através de um documento como esse (os PCNs) haveria unidade no ensino brasileiro”. Isso pode nunca acontecer e nem é objetivo do Ministério da Educação. O que se quer é que os educadores sintam-se estimulados a refletir sobre sua atuação e aprimorá-la, para que realmente se possa falar sobre escola de qualidade.

Susan Holden (2009) comenta que o aprendizado de um idioma estrangeiro implica saber como estudar, que aprender a aprender é uma habilidade importante, até para o primeiro ano de inglês. Por exemplo, os alunos precisam saber fazer coisas tais como:

- analisar textos (identificando as ideias principais);

- encontrar ligações entre as palavras (*to advertise/advertisement/advertiser* são todas relacionadas);

- extrair informações factuais de um texto falado ou escrito;

- organizar informações para atividades de fala ou de escrita;

- deduzir significados de um contexto;

- usar material de referência, como dicionários;

- apresentar informações e ideias oralmente ou por escrito;

... e assim por diante.

A mesma autora afirma ainda que “é importante conscientizar os alunos de que o desenvolvimento dessas habilidades irá não apenas ajudá-los a serem estudantes eficientes, mas também os ajudará a usar efetivamente o idioma, agora e num estágio posterior. Em resumo, essas habilidades têm um valor permanente”.

O aprendizado adquirido no decorrer desta pesquisa mostrou que os objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais não são algo inatingível, mas que, por enquanto, ainda estão distantes da realidade dos alunos concluintes do ensino fundamental. Não foi o intuito deste trabalho apontar culpados para o despreparo dos alunos advindos da escola pública ao entrar no ensino médio. Afinal, todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa, direta ou indiretamente, tem sua parcela de contribuição para que esse cenário de “descrença” no ensino de língua inglesa na escola pública de ensino fundamental permaneça estático.

No decorrer da pesquisa, também foi possível chegar à conclusão de que esse problema tem solução. A observação dos princípios, variáveis, contextos e pluralismo de metodologias à disposição do professor de inglês subsidiaria um ensino de inglês eficiente, de fato e de direito.

As entrevistas serviram para comprovação do que a experiência e a tradição nos revelam no dia-a-dia das salas de aula nas escolas públicas de ensino fundamental: que ainda está longe de se ter um ensino de inglês realmente efetivo, que atenda exigências e expectativas governamentais ou até internacionais, mas ao mesmo tempo nos mostrou como os alunos percebem e utilizam a língua inglesa em seu cotidiano, porém não são acompanhados e direcionados para uma aquisição real do idioma.

Portanto, é preciso que o ensino de língua inglesa no ensino fundamental seja repensado urgentemente, de maneira vertical e horizontal. O sistema educacional brasileiro precisa reformular o ensino de inglês com melhores condições estruturais e melhor qualificação dos profissionais, para que os alunos e toda a sociedade acreditem que o ensino de inglês na educação básica seja capaz de suprir necessidades não só de aprovação em exames de seleção das universidades, mas também de fornecer a satisfação pessoal do conhecimento e a satisfação social do reconhecimento.

**REFERÊNCIAS**

BOLSTER, A. **Toward a more effective model of research on teaching**. Harward Educational Review 53/3: 294-308.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais*:*** Língua Estrangeira — 5a. - 8a. séries. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio. Brasília: MEC/SEF, 1999.

BROWN, H. D. **Teaching by principles: an interactive approach do language pedagogy** Prentice Hall, 1994.

CELANI, Maria Antonieta A. **O perfil do educador do ensino de línguas: o que muda?** *In*: Encontro Nacional de Políticas de Ensino de Línguas Estrangeiras. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1997.

DEMO, Pedro. *Introdução à metodologia da Ciência*. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1987.

HOLDEN, Susan: **O ensino de língua inglesa nos dias atuais**. São Paulo: *Special Book Services* Livraria, 2009.

LARSEN-FREEMAN, Diane. **Techniques in principles in language teaching**. 2nd ed. New York: Oxford University Press, 2004.

MCLAUGHLIN, Barry. **Conscious versus Unconscious learning.** TESOL. Quarterly 24, 617-634.

PRABU, N.S. **There’s no best method – why?** TESOL, Quarterly 24/2: 161-76, 1990.

SKINNER, B. F. (1957). Verbal behavior. New York: Appleton-Century-Crofts.

SOUZA, Antonio Escandiel de. **O ensino da língua estrangeira na escola pública e as proposições dos Parâmetros Curriculares Nacionais**: Um estudo reflexivo, 2010.

SMITH, L. **English as an international auxiliary language**. RELC journal, vol. 7, No 2, 1976. P.38-43.

1. Graduado em Letras Integrado pela Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA; Especialização em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e Estrangeira pela Uninter. [↑](#footnote-ref-1)
2. Todas as traduções de autores estrangeiros foram feitas pelo autor da presente monografia. [↑](#footnote-ref-2)
3. Inglês como Segunda Língua. [↑](#footnote-ref-3)